



C.S.
LEWIS



COMO
SER
CRISTÃO

Titulo original: *How to be a Christian*

Christian reflections. Copyright © 1967 by C. S. Lewis Pte. Ltd. Published by Eerdmans.

God in the Dock. Copyright © 1970 by C. S. Lewis Pte Ltd. First published in the United States by William B. Eerdmans Publishing Company in 1970.

How to be a Christian. Copyright © 2018 by C. S. Lewis Pte Ltd. Edição original por HarperCollins *Publishers*. Todos os direitos reservados.

Copyright de tradução © Vida Melhor Editora LTDA., 2020.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Publisher *Samuel Coto*
Editores *André Lodos Tangerino,*
Bruna Gomes
Tradutores *Elissamai Bauleo, Francisco Nunes,*
Giuliana Niedhardt, Estevan Kirschner,
Gabriele Greggersen
Preparação e revisão *Francine de Souza*
Diagramação *Sonia Peticov*
Capa *Rafael Brum*
Conversão para ePub *SCALT Soluções Editoriais*

CIP—BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L76c

Lewis, C. S.

Como ser cristão / C.S. Lewis; tradução de Elissamai Bauleo. — 1.ed. —

Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020

192 p.; 12 x 18 cm.

Tradução de: *How to be a Christian*

ISBN 978-85-71671-50-8

1. Cristianismo. 2. Oração. 3. Fé. 4. Religiosidade. I. Título.

19-1810 CDD: 230

Índice para catálogo sistemático:

1. Cristianismo: oração
2. Fé: religiosidade

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro — RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.thomasnelson.com.br

sumário

Prefácio

Pondo a salvação em prática

Preocupando-nos com mais do que a salvação de almas

O perigo de apontar falhas nos outros

Vivendo hoje na expectativa da Segunda Vinda amanhã

Perdão como prática necessária

Negar e amar a si mesmo

Dúvidas e o dom da fé

Encantos e desafios da vida familiar

Como difundir a vida cristã interior

O significado da declaração: “o viver é Cristo”

A arte cristã de obter glória

Como não se sentir ameaçado quando o cristianismo permanece inalterado e a ciência e o conhecimento progredem

A importância da prática do amor

O significado de ser parte do corpo de Cristo

Questões práticas sobre ser um cristão hoje

Referências bibliográficas

prefácio

Cristãos gastam muito tempo falando sobre crenças e doutrinas, de modo que alguns podem pensar que dominar a fé é entender um conjunto de ideias. Esse, porém, não é o caso. A verdadeira substância da fé jaz no mundo da ação. A fé cristã se transforma em algo real quando é vivida. Por exemplo: ser cristão implica aprender a ser tardio para julgar outros e verificar primeiro a trave do nosso olho; implica aprender como parar de nos concentrar em medos e preocupações a fim de ver como tratar outros da forma como gostaríamos de ser tratados; como exercer domínio próprio em relação à nossa ansiedade sobre o amanhã e abrir mão da ira, antes que ela se transforme em pecado; como, depois de feridos, perdoar outros.

Sim, doutrinas são extremamente importantes. O cristão deve entender sua crença antes de compreender que é capacitado por Jesus a viver de maneira nova. Contudo, entender essas ideias é uma porta de entrada, exigindo que comecemos a caminhar para que essas tenham qualquer significado. Mesmo o apóstolo Paulo, o antecessor de boa parte da teologia cristã, relembra-nos de que a fé, ainda que perfeita, acaba sendo um mero sino ressoante se não tiver amor. E o amor só pode ser expresso por ações.

Digo tudo isso porque (1) foi o que aprendi com C. S. Lewis e (2), ironicamente, Lewis é amplamente conhecido como o maior defensor das ideias cristãs no século XX. Em outras palavras, poderíamos supor que Lewis fosse um dos principais responsáveis pela noção de que o cristianismo é essencialmente um corpo de ideias, dado o sucesso de suas obras apologéticas, mas tal conclusão seria perder a essência de suas ideias.

Deparando-me com eruditos e teólogos, quase todos me confessam que Lewis exerceu um papel importante na jornada rumo à vocação deles. Entretanto, a despeito de sua popularidade, no que diz respeito às obras estudadas pelos eruditos, ouvimos os nomes de Barth, Hauerwas, Bonhoeffer, Wright, Pagels, Armstrong, Ehrman e outros, mas raramente Lewis. Ao participar da convenção anual da *American Academy of Religion* e da *Society of Biblical Literature*, onde vinte mil estudiosos da religião se reúnem em uma cidade diferente a cada ano e realizam seções sobre todos os assuntos arcanos imagináveis (e muitos que eu mesmo não consigo imaginar), surpreendo-me com o fato de o nome “C. S. Lewis” raramente aparecer na programação. Qual a razão disso?

Penso que é devido ao fato de Lewis nunca apresentar suas ideias como algum paradigma novo e heroico, mas apenas como resumo do cristianismo “puro e simples”, aquilo em que a maior parte dos cristãos sempre creu.

Além disso, a sabedoria de Lewis não funciona melhor como uma “grande teoria”, mas antes como, segundo chamaria, uma “sabedoria de jornada”. Em outras palavras, é apenas trilhando o caminho da vida cristã que aquilo que Lewis ensina parece fazer sentido e se torna “útil”.

Lembro-me da lâmpada acendendo-se quando, no Livro 4 de *Cristianismo puro e simples*, Lewis explica que, ao nos tornarmos cristãos, firmamos um contrato com Deus em sua tarefa de nos aperfeiçoar — e que algo menos do que esse processo às vezes doloroso seria admitir que Deus está pronto para desistir de nós, que ele não nos ama plenamente. Ora, essa ideia pôs ordem em minha mente jovem de uma maneira totalmente nova, lembrando-me de que “tornar-se cristão” era um caminho, não um acontecimento ocorrido uma única vez, e que aqueles que estão mais próximos de mim — e, assim, os mais afetados pelas minhas imperfeições — seriam a sala de aula principal que Deus usa em sua operação de limpeza.

Outro momento iluminador foi ler a meditação magistral do Maldonado sobre a glotonaria. Sempre imaginara a glotonaria como uma alma esfomeada e obesa, devorando tudo em seu caminho — i.e., alguém diferente de mim. Mas nas *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, Lewis usa a mãe do sujeito humano e sua obsessão cobiçosa por um “pedaço de pão adequadamente torrado” como modelo de glotonaria. Talvez eu não fosse tão “não glutão” quanto pensava. É em momentos assim, lidando com os pormenores do que significa viver a fé cristã, que os *insights* de Lewis parecem tão profundos, ricos e úteis.

O melhor exemplo do que quero dizer se encontra no capítulo 12 de *The Great Divorce* [O grande divórcio], trecho em que o personagem principal testemunha o espetáculo de um desfile celestial com anjos, santos e animais brilhantes, flutuando e dançando em volta de uma mulher luminosa cuja beleza era quase “insuportável” de contemplar. A princípio, o observador pensa tratar-se de Eva ou Maria, a mãe de Jesus. No entanto, ele fica sabendo que a mulher em questão é Sarah Smith, que vivia como dona de casa nos subúrbios de Londres. No céu ela é tida como uma das “grandes”. Como Sarah obteve esse status? Por ter se tornado, em sua vida comum, a mãe de todo jovem, mulher, menino, menina, cachorro ou gato que encontrara, amando-os de modo tal que eles passaram a ser mais amáveis e mais ávidos por amarem outros.

Esse capítulo não apenas redefiniu conceitos sobre o significado de ser um “grande” cristão; também nos ajuda a entender os escritos de Lewis como um todo. Lewis buscou ajudar, encorajar e iluminar seus leitores sobre a fé cristã, especialmente na forma como o cristianismo é visto por outros como ultrapassado e fora de sintonia com os tempos modernos.

Nesse aspecto, Lewis foi mais primoroso e bem-sucedido do que jamais imaginara. E parte da razão por trás do seu sucesso era o fato de que em vez de desejar ser um grande apologeta e teólogo, ele se autoavaliava pelo

quanto se assemelhava com Sarah Smith. Foi por causa dessa abordagem humilde que ele veio a se tornar, fátual e inconscientemente, um grande apologeta e teólogo.

Nesta coletânea, fizemos uma seleção a partir de capítulos, ensaios, cartas e discursos encontrados em uma vasta gama dos livros de Lewis, todos relacionados com o modo pelo qual devemos manifestar nossa fé, não apenas crer de modo intelectual. *Como ser cristão* não seria possível sem o trabalho de Zachary Kincaid, que juntou muitos desses escritos para nós. Nossa expectativa é que, neste livro, você não apenas encontre novos textos escritos por Lewis, mas descubra nova sabedoria para a jornada, do tipo que nos ajuda a ser um pouco mais semelhantes à Sarah Smith.

MICHAEL G. MAUDLIN

Vice-presidente sênior e diretor executivo da HarperOne

PONDO A
SALVAÇÃO EM
PRÁTICA

Cristianismo puro e simples

(do capítulo intitulado "Fé")

ue importa para Deus não são nossas ações propriamente ditas; o que importa para ele é que sejamos criaturas possuidoras de certo tipo ou qualidade — o tipo que ele pretendeu que fôssemos —, criaturas relacionadas a ele de certa forma. Não vou acrescentar aqui: “e se relacionem de certa forma uns com os outros”, porque isso já está implícito, pois, se você estiver de bem com Deus, inevitavelmente estará de bem com todos os que o rodeiam, da mesma forma que, se todos os raios de uma roda estiverem bem encaixados no centro e no aro ao qual são ligados, estarão na posição certa uns em relação aos outros. Na verdade, enquanto pensarmos em Deus como um tipo de examinador nos passando um trabalho escolar, ou como a outra parte de algum tipo de barganha — enquanto estivermos pensando em termos de reivindicações e contrarrevindicações entre nós e Deus —, ainda não estaremos numa posição certa em relação a ele. Aquele que age assim não entende muito bem quem é nem quem Deus é, e não consegue assumir a posição certa, porquanto, não é capaz de descobrir a própria falência.

Quando eu falo em “descobrir”, quero dizer isso mesmo, ou seja, não o disse simplesmente da boca para fora. É claro que qualquer criança que receber algum tipo de educação religiosa logo aprenderá que não temos nada a oferecer a Deus que já não seja dele, e que falhamos em oferecer até mesmo isso, sem querer guardar algo para nós. Mas estou falando de deparar com algo real, uma descoberta de verdade baseada na experiência pessoal.

Agora, nesse sentido, só poderemos descobrir nossa incapacidade de manter a lei de Deus depois de termos concentrado o máximo de esforços (e depois falhando) em mantê-la. Se não tentarmos de verdade, não importam nossas alegações, teremos sempre a ideia no nosso subconsciente de que, se tentarmos com mais afinco da próxima vez, teremos sucesso em nos tornar completamente bons. Assim, em certo sentido, a estrada de volta para Deus é a estrada do esforço moral, de empenhar-se cada vez mais; mas, em outro sentido, não é o esforço que nos levará de volta para casa. Todos esses esforços estão nos levando ao momento vital em que dizemos a Deus: “O Senhor é que terá de fazer isso, pois eu não consigo”. Eu lhe imploro, por favor, que não comece a se perguntar: “Será que eu já cheguei a esse ponto?”. Não fique aí sentado, divagando para ver se já está chegando lá, pois isso o levará na direção errada. Quando acontecem as coisas mais importantes da nossa vida, muitas vezes, naquele momento, nem nos damos conta do que está acontecendo. Uma pessoa nem sempre está em condições de constatar: “Opa! Estou amadurecendo”. Muitas vezes, é só quando olhamos para trás que nos damos conta do que aconteceu e, então, reconhecemos aquilo que as pessoas chamam de “amadurecimento”. Você

pode perceber esse fenômeno até em coisas mais simples. Uma pessoa que começa a especular, ansiosa, se vai conseguir dormir, tem grande probabilidade de ficar horas acordada. Da mesma forma, o fenômeno ao qual estamos nos referindo agora pode não acontecer com todo mundo em um passe de mágica — como aconteceu com o apóstolo Paulo e Bunyan — mas, pode se dar de forma tão gradativa que ninguém seja capaz de apontar uma hora ou ano particular em que tenha acontecido. E o que importa é a natureza da mudança em si, e não como nos sentimos enquanto está acontecendo. É a mudança da confiança em nossos próprios esforços para o estado em que desistimos de fazer qualquer coisa por esforço próprio e deixamos tudo por conta de Deus.

Sei que a expressão “deixar por conta de Deus” pode ser mal compreendida, mas vamos deixar assim por enquanto. O sentido em que um cristão deixa as coisas por conta de Deus é que ele deposita toda a sua confiança em Cristo, isto é, acredita que Cristo, de alguma forma, compartilhará com ele a obediência humana perfeita que ele assumiu desde o seu nascimento até a sua morte de cruz; que Cristo tornará o homem um ser mais à sua semelhança e, em certo sentido, compensará suas deficiências. Na linguagem cristã, ele compartilhará sua “condição filial” conosco, fazendo de nós “Filhos de Deus”, como ele mesmo — no Livro IV, tentarei analisar melhor o sentido dessas palavras. Se você preferir colocar de outra maneira, Cristo oferece algo por nada; na verdade, ele oferece tudo por nada. Em certo sentido, toda a vida cristã consiste precisamente em aceitar essa oferta magnífica, mas o difícil mesmo é chegar ao ponto de reconhecer que tudo o que fizemos e podemos fazer se resume a nada. Queríamos mais é que Deus considerasse nossos pontos positivos e ignorasse os negativos, ou, em outras palavras, poderíamos dizer que, em certo sentido, nenhuma tentação jamais será superada enquanto não pararmos de tentar superá-la — ou seja, temos de jogar a toalha. Mas, por outro lado, você não poderia “parar de tentar” da forma correta e pelo motivo certo enquanto não tiver tentado com todas as suas forças. E, em outro sentido, entregar tudo a Cristo, é claro, não quer dizer que iremos parar de tentar. É evidente que confiar nele significa tentar fazer tudo o que ele diz, pois não haveria sentido em dizer que você confia em uma pessoa se não segue o seu conselho. Assim, se você realmente se entregou a ele, podemos concluir que esteja tentando obedecer-lhe. Contudo, está tentando fazê-lo de uma maneira que seja nova e menos ansiosa. Não deseja fazer essas coisas para tentar ser salvo, mas porque ele já começou a salvá-lo; não as faz esperando obter o Paraíso como recompensa de suas ações, mas inevitavelmente querendo agir de determinada maneira porque já tem dentro de si um primeiro vislumbre ainda que tênue da habitação celeste.

Os cristãos sempre se envolveram em discussões em torno de saber se o que os leva de volta para casa são as boas ações ou a fé em Cristo. Não tenho

nenhum direito de falar sobre um assunto tão difícil, mas me parece que isso é como perguntar qual das lâminas de uma tesoura é a mais necessária. Só um esforço moral sério pode nos levar ao ponto de jogar a toalha, mas a fé em Cristo é a única coisa que vai salvar-nos do desespero quando chegar a esse ponto, e é da fé que as boas ações devem inevitavelmente surgir. Certos grupos cristãos do passado acusavam outros grupos de parodiar a verdade de duas formas. Talvez elas esclareçam melhor a verdade. Um grupo dizia: “Fazer boas ações é tudo o que interessa. A melhor boa ação que há é a caridade, e o melhor tipo de caridade é a doação em dinheiro. O melhor destino da doação de dinheiro é a igreja, logo, entregue-nos £10.000 e garantiremos sua entrada nos Céus”. A resposta a essa bobagem com certeza seria que as boas ações feitas por esse motivo, com a ideia de que os Céus possam ser comprados, sequer seriam boas ações, mas apenas especulações comerciais. O outro grupo seria acusado de dizer: “A fé é tudo o que interessa. Consequentemente, se você tem fé, não importa o que faça. Peque à vontade, meu filho, e divirta-se, pois, para Cristo, isso não fará diferença no final”. A resposta a essa outra bobagem é que, se o que você chama de “fé” em Cristo significa não ligar a mínima para o que ele diz, então não se trata de fé alguma — nem de fé, nem de confiança nele, mas apenas de aceitação intelectual de alguma teoria sobre ele.

A Bíblia parece realmente selar a questão quando reúne as duas coisas em uma só sentença surpreendente. A primeira parte diz: “ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor” — que nos dá a impressão de que tudo depende de nós e de nossas boas ações. Mas a segunda parte completa: “Pois é Deus que efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar”, que dá a ideia de que Deus faz tudo, e nós, nada. Temo que esse seja o tipo de coisa que temos de confrontar no cristianismo e fico intrigado com isso, mas não surpreso. Veja que estamos tentando entender e separar em compartimentos estanques o que Deus faz e o que os seres humanos fazem, enquanto Deus e os seres humanos estão trabalhando juntos. E é claro que, de início, pensamos que é como se dois homens estivessem trabalhando juntos, de modo que você pode dizer: “Ele fez esta parte e eu fiz aquela”. Mas essa forma de pensar está equivocada. Deus não é assim. Ele está dentro de você tanto quanto fora, e, mesmo se você conseguisse entender quem fez o quê, não acho que a linguagem humana poderia expressar tal entendimento adequadamente. Na tentativa de expressá-lo, diferentes igrejas dizem coisas diferentes, mas você descobrirá que, mesmo aqueles que insistem mais fortemente na importância das boas ações lhe dizem que você precisa de fé; e, mesmo aqueles que insistem mais fortemente na fé, recomendam-lhe praticar boas ações. Em todos os casos, não posso levá-lo mais longe.

Penso que todos os cristãos concordariam comigo se eu dissesse que, embora o cristianismo pareça, à primeira vista, resumir-se a moralidade, deveres, regras, culpa e virtude, ainda assim ele nos leva adiante, para fora

de tudo isso, para algo que vai além. Podemos ter, assim, o vislumbre de um país onde não se fala sobre essas coisas, exceto, quem sabe, em uma piada. Lá, todos seriam cheios do que podemos chamar de bondade, como um espelho que se enche de luz. Mas eles não o chamariam de bondade. Não o chamariam de nada. Eles não estariam nem sequer pensando sobre isso, pois estariam ocupados demais olhando para a fonte de onde tudo isso provém. Mas, nesse momento, chegaríamos perto do ponto em que a estrada cruza a margem deste mundo. Nenhum olho pode enxergar muito além disso; mas muitos olhos conseguem enxergar muito além dos meus.

PREOCUPANDO-
NOS COM MAIS
DO QUE A
SALVAÇÃO DE
ALMAS

O peso da glória

(do capítulo intitulado "Aprendizado em tempos de guerra")

Temos sempre de responder a esta pergunta: “Como você pode ser tão fútil e egoísta em pensar sobre qualquer outra coisa que não seja a salvação das almas humanas?” E necessitamos, no momento, responder à questão adicional: “Como você pode ser tão fútil e egoísta em pensar sobre qualquer outra coisa que não seja a guerra?”. É verdade que parte de nossa resposta será a mesma para ambas as perguntas. Uma das perguntas implica que nossa vida pode, e deve, tornar-se exclusiva e explicitamente religiosa; a outra, que pode, e deve, tornar-se exclusivamente nacionalista. Acredito que toda a nossa vida pode e, de fato, deve, tornar-se religiosa num sentido a ser explicado mais tarde, mas se isso quer dizer que todas as nossas atividades devem ser do tipo que podem ser reconhecidas como “sagradas”, em oposição a “seculares”, então eu daria uma resposta simples para ambos os meus inquiridores imaginários. Eu diria: “Mesmo que devesse ou não acontecer, aquilo que você está sugerindo não vai acontecer”. Antes de me tornar cristão, eu não tinha entendido completamente que a vida de alguém depois da conversão iria inevitavelmente consistir em fazer a maior parte das mesmas coisas que fazia antes, assim se espera, com um novo espírito, mas sendo ainda as mesmas coisas. Além disso, antes de partir como soldado para a Primeira Guerra Mundial, eu certamente esperava que minha vida nas trincheiras fosse, em algum sentido misterioso, somente voltada para a guerra. Na realidade, percebi que, quanto mais próximo se chegasse à frente de batalha, menos se falava e se pensava a respeito da causa dos aliados e do progresso da campanha. Fico feliz que Tolstói registra o mesmo no maior livro já escrito sobre a guerra, e, a seu próprio modo, a *Iliada* também. Nem a conversão nem o alistamento no exército obliterarão a nossa vida humana. Soldados e cristãos são ainda seres humanos; as ideias do não religioso sobre a vida religiosa, e a do cidadão civil sobre o serviço militar, são delirantes. Em qualquer um dos casos, se você tentar suspender toda a sua atividade intelectual e estética, o único sucesso que você terá é a substituição de uma vida cultural ruim por uma melhor. De fato, você não irá ler nada, tanto na Igreja quanto na linha de frente; se você não lê bons livros, lerá livros ruins. Se você não pensar racionalmente, pensará de forma irracional. Se rejeitar a satisfação estética, cairá em satisfação sensual.

Existe, portanto, essa analogia entre as reivindicações de nossa religião e as reivindicações da guerra: nenhuma das duas, para a maioria de nós, simplesmente cancelará ou removerá de cena a vida meramente humana que estávamos vivendo antes de entrarmos nelas, mas as duas operarão dessa maneira por razões diferentes. A guerra fracassará em absorver toda nossa atenção por ser um objeto finito e, por isso, intrinsecamente incapaz de suportar toda a atenção de uma alma humana. Para evitar mal-

começar.

Qual é a alternativa, afinal? Vemos com clareza que nada, nem mesmo Deus com todo o seu poder, pode fazer alguém realmente feliz enquanto o indivíduo continuar sendo invejoso, egoísta e maldoso. Tenha certeza de que há algo dentro de nós que, a menos que seja alterado, é capaz de tirar do alcance de Deus o poder de evitar que sejamos eternamente infelizes. Enquanto este algo permanecer aqui, não poderá haver céu para nós, da mesma maneira que não pode haver bons aromas para alguém resfriado nem música para o surdo. Não é uma questão de Deus nos “mandar” para o inferno. Em cada um de nós, há algo crescendo que, em si mesmo, será o *inferno* a menos que seja arrancado pela raiz. O assunto é sério. Coloquemo-nos nas mãos dele de uma vez por todas — hoje mesmo, agora mesmo.

estar ansiosos demais por ele e investigam sua aproximação? Quando ele lhes diz para vigiar a fim de que não os ache negligenciando seu trabalho, eles olham de um lado para o outro, e vigiam para que ele não tenha sucesso em vir como um ladrão! Obediência é a chave da vida”.

A doutrina da Segunda Vinda terá fracassado, no que nos diz respeito, se não nos fizer perceber que a cada momento de cada ano em nossa vida a pergunta de Donne — “E se a presente fosse a última noite do mundo?” — é igualmente relevante.

Às vezes, essa questão tem sido incutida em nossa mente com o propósito de provocar medo. Eu não acho que esse seja seu uso correto. Estou, de fato, longe de concordar com aqueles que consideram todos os temores religiosos bárbaros e degradantes e exigem que sejam banidos da vida espiritual. “O perfeito amor”, nós sabemos, “expulsa o medo”. Mas o mesmo acontece com várias outras coisas: ignorância, álcool, paixão, presunção e estupidez. É muito desejável que todos nós avancemos para aquela perfeição de amor na qual não mais tememos; mas é muito indesejável, até chegarmos a esse estágio, que permitamos que qualquer agente inferior expulse nosso medo. A objeção a qualquer tentativa de perpétua apreensão sobre a Segunda Vinda é, a meu ver, bem diferente: a saber, que certamente não será bem-sucedida. O medo é uma emoção, e é praticamente impossível — até mesmo fisicamente impossível — manter qualquer emoção por muito tempo. Uma empolgação perpétua de esperança a Segunda Vinda é impossível pela mesma razão. A sensação de crise de qualquer tipo é essencialmente transitória. Os sentimentos vêm e vão, e, quando vêm, pode-se fazer um bom uso deles — eles não podem ser nossa dieta espiritual regular.

O importante não é que devemos sempre temer (ou esperar) o Fim, mas que devemos sempre nos lembrar dele, sempre levá-lo em conta. Uma analogia sobre isso pode ajudar. Um homem de setenta anos não precisa estar sempre sentindo (muito menos falando) sobre a morte que se aproxima, mas um homem sábio de setenta deve sempre levar isso em consideração. Ele seria insensato se embarcasse em esquemas que pressupõem mais vinte anos de vida; ele seria criminalmente tolo se não fizesse — de fato, não ter feito há muito tempo — seu testamento. Agora, o que a morte é para cada homem, a Segunda Vinda é para toda a raça humana. Todos nós acreditamos, suponho, que um homem deve “estar à vontade” em relação à própria vida, deve lembrar-se de quão curta, precária, temporária e provisória ela é; nunca deve dar todo o coração a qualquer coisa que termine quando sua vida terminar. O que os cristãos modernos acham mais difícil lembrar é que toda a vida da humanidade neste mundo também é precária, temporária, provisória.

Qualquer moralista dirá a você que o triunfo pessoal de um atleta ou de uma garota em um baile é transitório — o ponto é lembrar que um império ou uma civilização também são transitórios. Todos os triunfos e conquistas,

zemos muitas coisas na igreja (e fora da igreja também) sem pensar adequadamente. Por exemplo, declamamos o credo “Eu creio no perdão dos pecados”. Recitei isso por muitos anos antes de me perguntar por que estava no credo. À primeira vista, parece não ser muito importante que esteja. “Se alguém é cristão”, pensei, “claro que crê no perdão dos pecados. Nem é necessário dizer isso”. Mas as pessoas que compilaram o credo pensaram, aparentemente, que isso era uma parte de nossa crença, que dela precisávamos nos lembrar, todas as vezes que íamos à igreja. Comecei então a ver, naquilo que me diz respeito, que eles estavam certos. Crer no perdão dos pecados não é tão fácil assim como eu pensava. Tal crença é o tipo de coisa que muito facilmente sai de cena, se não o mantivermos como algo a ser polido.

Creemos que Deus perdoa os nossos pecados, mas também que ele não o fará a não ser que nós perdoemos os pecados de outras pessoas contra nós. Não existe nenhuma dúvida sobre a segunda parte dessa declaração. É a oração do Senhor (o Pai Nosso); e foi enfaticamente afirmado por Nosso Senhor. Se você não perdoar não será perdoado. Nenhuma parte de seu ensino é mais clara e não há exceções. Não faz parte desta ordem que devemos perdoar os pecados de outras pessoas desde que não sejam muito assustadores, ou desde que não haja circunstâncias atenuantes ou algo desse tipo. A ordem é perdoar a todos, mesmo que sejam maldosos, que sejam perversos, não importa quão frequentes sejam os erros que cometem. Se não, não seremos perdoados de nenhum de nossos pecados.

Agora, parece-me que frequentemente cometemos um erro, tanto sobre o ato de Deus perdoar os pecados que cometemos, quanto sobre o perdão que dizem que devemos oferecer pelos pecados de outras pessoas. Pense primeiro sobre o perdão de Deus. Percebo que quando penso que estou pedindo que Deus me perdoe, estou, na realidade (a não ser que eu esteja me vigiando cuidadosamente), pedindo a ele que faça algo completamente diferente. Não estou pedindo que ele me perdoe, mas que ele aceite minha justificativa. Há, porém, toda a diferença do mundo entre perdoar e dar uma justificativa. O perdão diz: “Sim, você fez isso, mas eu aceito suas desculpas; eu nunca usarei isso contra você, e tudo entre nós dois será exatamente como era antes”. Mas a justificativa diz: “Vejo que você não conseguiu evitar ou que não tinha a intenção; você não é o culpado”. Se a pessoa não era culpada, então não há nada para ser perdoado. Nesse sentido, o perdão e a justificativa são quase opostos. É claro, em dúzias de casos, seja entre Deus e o ser humano, ou entre um ser humano e outro, pode haver uma mistura dos dois. Parte daquilo que, à primeira vista, pareciam ser os pecados acaba não sendo realmente falha de ninguém e a desculpa é oferecida; a parte que resta é perdoada. Se você tiver uma desculpa perfeita, não precisaria de

redita-se que a abnegação esteja — e, de fato, está — muito próxima do cerne da ética cristã. Quando Aristóteles enaltece determinado tipo de amor-próprio, podemos sentir, apesar das cuidadosas distinções que ele faz entre o *Philautia*¹ legítimo e o ilegítimo, que aqui encontramos algo essencialmente subcristão. É mais difícil, entretanto, determinar o que achamos do capítulo *De la douceur envers nous-mêmes*,² de São Francisco de Sales, no qual somos proibidos de nutrir ressentimento até mesmo contra nós mesmos e aconselhados a reprovar nossas próprias falhas *avec des remonstrances douces et tranquilles*,³ sentindo mais compaixão do que paixão. No mesmo espírito, Juliana de Norwich recomenda-nos ser “amorosos e pacíficos”, não só com relação a nossos “semelhantes cristãos”, mas também a “nós mesmos”.⁴ Mesmo o Novo Testamento manda-nos amar o próximo como a nós mesmos,⁵ o que seria um mandamento horrível caso de odiar-nos. Contudo, nosso Senhor também diz que um verdadeiro discípulo deve “odiar a própria vida”.⁶

Não devemos explicar essa aparente contradição afirmando que o amor-próprio é certo até determinado ponto e errado ao ultrapassar esse limite. Não se trata de uma questão de grau. Há dois tipos de ódio próprio que se parecem muito em seus estágios iniciais, mas um dos quais está errado desde o início, e o outro certo em seu fim. Quando Shelley fala sobre o desprezo próprio como fonte de crueldade ou quando um poeta posterior diz que não consegue tolerar o homem “que odeia seu próximo como a si mesmo”, eles se referem a um ódio muito real e não cristão contra o eu que é capaz de tornar diabólico um homem cujo egoísmo comum teria deixado ser (pelo menos, por um momento) meramente animal. O economista ou psicólogo calejado de nossa época, reconhecendo a “corrupção ideológica” ou a motivação freudiana em sua própria composição, não necessariamente aprende a humildade cristã. Ele talvez chegue àquilo que se chama de “visão inferior” de todas as almas, inclusive da própria alma, que se expressa em cinismo ou em crueldade, ou em ambos. Nem mesmo os cristãos, aceitando certas formas da doutrina da depravação total, estão livres desse perigo. A conclusão lógica do processo é a adoração do sofrimento — dos outros e de si mesmo — que vemos, se é que li corretamente, na obra *Voyage to Arcturus* [Viagem a Arcturus], de David Lindsay, ou no vazio extraordinário que Shakespeare descreve no final de *Ricardo III*. Ricardo, em sua angústia, tenta voltar-se ao amor-próprio. No entanto, ele “enxergou além” de todas as emoções por tanto tempo, que “enxergou além” até mesmo desta. Ela se torna uma mera tautologia: “Ricardo ama Ricardo; isto é, eu sou eu.”⁷

Ora, o eu pode ser considerado de duas maneiras. Por um lado, é criatura de Deus, motivo de amor e regozijo; mesmo que no presente, porém,

atacarão a crença. Aqui, como no Novo Testamento, o conflito não é entre fé e razão, mas entre fé e visão. Podemos enfrentar coisas que *sabemos* ser perigosas se elas não parecerem muito perigosas; nosso problema real frequentemente é com coisas que *sabemos* ser seguras, mas que parecem assustadoras. Nossa fé em Cristo não oscila tanto quando argumentos verdadeiros vêm contra ela como oscila quando ela *parece* improvável — quando o mundo inteiro assume aquele *olhar* desolado que de fato nos diz muito mais sobre o estado de nossas paixões, e até mesmo sobre nossa digestão, do que sobre a realidade.

Quando exortamos pessoas à fé como uma virtude, à intenção estabelecida de continuarem a crer em certas coisas, não as estamos exortando a lutar contra a razão. A intenção de continuar a crer é necessária, pois, embora a razão seja divina, os raciocinadores humanos não são. Uma vez que a paixão tome parte no jogo, sem a assistência da graça, a razão humana tem tanta chance de manter seu domínio sobre verdades já obtidas quanto um floco de neve tem de manter sua consistência na boca de uma fôrnalha. Os argumentos contra o cristianismo, que nossa razão pode ser persuadida a aceitar no momento de ceder à tentação, são muitas vezes absurdos. A razão pode alcançar verdades; sem fé, ela as reterá apenas enquanto Satanás desejar. Não há nada em que não possamos crer ou descrer. Se desejamos ser racionais — não de vez em quando, mas constantemente —, devemos orar pelo dom da fé, pelo poder de continuar crendo não em franca oposição à razão, mas em franca oposição à luxúria e ao terror e ao ciúme e ao tédio e à indiferença, dos quais razão, autoridade ou experiência, ou todas as três, uma vez nos libertaram para a verdade. Talvez a resposta a essa oração nos surpreenda quando vier, pois não tenho certeza, afinal, se uma das causas de nossa pouca fé nada mais é do que um desejo secreto de que nossa fé não seja muito forte. Existe alguma reserva em nossa mente? Algum medo de como seria se nossa religião se tornasse muito real? Espero que não. Deus nos ajude a todos e nos perdoe.

ilusões sentimentais. O autor de *Imitação de Cristo* sabe (melhor do que ninguém) com quanta facilidade a vida monástica pode dar errado. Charlotte M. Yonge deixa bem claro que a domesticidade não é um passaporte para o céu na terra, mas, em vez disso, uma árdua vocação — um mar cheio de pedras escondidas e geleiras perigosas a ser navegado apenas por quem dispõe de uma carta celeste. Este é o primeiro ponto que deve estar absolutamente claro para nós. A família, assim como a nação, pode ser oferecida a Deus, pode ser convertida e redimida; só então ela se torna um canal de bênçãos e graças específicas. Porém, como todas as outras coisas humanas, ela precisa de redenção. Sem redenção, ela só produz tentações, corrupções e sofrimentos. A caridade começa em casa; a ausência dela também.

2. Ao empregar a palavra conversão ou santificação da vida familiar, devemos ter o cuidado de estar nos referindo a algo além da preservação do “amor” no sentido de afeto natural. O amor (neste sentido) não basta. O afeto, diferentemente da caridade, não é causa de felicidade duradoura. Se deixado à sua tendência natural, ele acaba se tornando ganancioso, irritantemente solícito, ciumento, exigente, medroso. Ele sente angústia quando seu objeto está ausente, mas não é retribuído com satisfação especial quando o objeto está presente. Até mesmo à mesa do almoço na casa do vigário, o afeto foi, em parte, a causa da discórdia. O filho teria tolerado com paciência e humor o disparate que o enfureceu se este tivesse vindo de qualquer outro homem sem ser seu pai. É porque ele ainda (de alguma maneira) “se importa”, que é impaciente. A esposa do vigário não seria um poço de lamúria e autocomiseração se não (em certo sentido) “amasse” a família; a frustração sem fim da necessidade contínua e implacável que ela tem de empatia, afeto e valorização ajudou a transformá-la no que ela é. Acho que esse aspecto do afeto não é percebido o suficiente pela maioria dos moralistas populares. A avidez por ser amado é algo temeroso. Alguns daqueles que dizem (quase com orgulho) que vivem só pelo amor acabam vivendo em incessante ressentimento.

3. Devemos perceber a enorme armadilha presente na característica da vida doméstica que, com tanta frequência, é ostentada como sua principal atração. “É ali que nos mostramos como realmente somos; é ali que podemos lançar fora os disfarces e ser nós mesmos.” Estas palavras, saídas da boca do vigário, eram muito verdadeiras; ele demonstrou o que elas significam à mesa do almoço. Fora de seu próprio lar, ele se comportava com educação. Ele não teria interrompido qualquer outro jovem da maneira como interrompeu seu filho. Ele não teria, em qualquer outra sociedade, proferido absurdos com tanta segurança acerca de assuntos que ignorava por completo; ou, caso o houvesse feito, teria aceito uma correção de bom grado. A realidade é que ele valorizava o lar como o lugar onde podia “ser ele mesmo” no sentido de menosprezar todos os limites que a humanidade